



Ruas que revelam histórias: estudos morfológicos e percursos sensíveis pelo Sítio Histórico de Natal

Autores:

Cíntia Camila Liberalino Viegas - UFRN - 8cintiacamila8@gmail.com

Rubenilson Brazão Teixeira - UFRN - rubenilson.teixeira@gmail.com

Resumo:

A porção da Cidade do Natal definida como Sítio Histórico em 2010, assim como outras cidades, passou por inevitáveis transformações em sua forma urbana, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, quando as modificações formais se intensificaram. Esta problemática motivou uma pesquisa de doutorado que investigou, entre outras questões, se as transformações na forma urbana do Sítio Histórico de Natal interferem nas percepções das historicidades locais. Este artigo apresenta parte dos resultados desta pesquisa, sobretudo os que derivaram dos métodos de pesquisa bibliográfica, iconográfica e documental, análise morfológica e percursos sensíveis pela área de estudo. Os resultados mostram que os participantes da pesquisa reconhecem as muitas transformações na forma urbana local e se preocupam com esta questão, mas ainda consideram que o Sítio Histórico de Natal exala historicidades próprias, embora não consigam associá-las aos fatos históricos da cidade.

RUAS QUE REVELAM HISTÓRIAS

Estudos Morfológicos e Percursos Sensíveis pelo Sítio Histórico de Natal

INTRODUÇÃO

Transformações nas formas urbanas são inevitáveis. No Sítio Histórico de Natal, local de fundação e primeiras expansões da cidade, essas transformações se acentuaram a partir de meados do século XX com as descaracterizações dos espaços públicos e das edificações com fachadas de linhas historicistas. A percepção inicial destas transformações motivou um estudo de doutorado que investigou, entre outras questões, se as transformações na forma urbana do Sítio Histórico de Natal interferem nas percepções das historicidades locais.

Para tanto, utilizou-se vários métodos e procedimentos de pesquisa: pesquisa bibliográfica, iconográfica e documental, análise morfológica, questionários na plataforma *Google Forms* e Percursos Sensíveis pela área de estudo. Neste artigo temos como foco os resultados obtidos principalmente pela análise morfológica e pelos percursos sensíveis, nos quais identificamos e discutimos as historicidades percebidas no Sítio Histórico de Natal, ao caminharmos por suas ruas e vielas.

O artigo está dividido em sessões nas quais a primeira, excetuando-se a introdução, contextualiza a formação urbana do território do Sítio Histórico de Natal; a segunda apresenta o resultado das transformações na forma urbana da área de estudo a partir de meados do século XX para que na terceira possamos discutir as historicidades percebidas pelos caminhantes, participantes da pesquisa, durante passeios pelas ruas do Sítio Histórico de Natal. Ao final, fazemos as considerações finais e apresentamos as referências utilizadas no estudo.

BREVE HISTÓRIA DA FORMA URBANA DO SÍTIO HISTÓRICO DE NATAL

As poligonais de tombamento e entorno delimitadas pelo IPHAN em 2014 como território do Sítio Histórico de Natal a ser protegido, correspondem à região de fundação e primeiras expansões da cidade. Em 1599, fins do século XVI, um chão “elevado e firme” foi escolhido pelos colonizadores para dar início à formação da malha urbana. Neste chão hoje

se configura a primeira praça da cidade – Praça André de Albuquerque, localizada no bairro Cidade Alta – onde nos primeiros anos de ocupação os colonizadores portugueses instalaram a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, a Casa de Câmara e Cadeia em várias versões formais e localizações, e o Pelourinho – que em conjunto se configuravam como os símbolos expoentes da urbanização do período colonial.

A partir desta porção territorial inicial, as elevações e os acidentes geográficos e físicos da região orientaram e induziram o crescimento do tecido urbano colonial, frequentemente caracterizado pela pequena proporção e presença de casario muito modesto: térreo, construído raramente em tijolo ou pedra e mais frequentemente em taipa.

De acordo com Rubenilson Teixeira (2009), as primeiras ruas foram construídas à sombra das igrejas: (i) a Rua Grande abrigava a Casa de Câmara e Cadeia e se situava em frente à rua da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação (provavelmente inaugurada em 1599); (ii) a Rua da Conceição se encontrava na fachada posterior à Igreja Matriz e (iii) a Rua Santo Antônio, sobre a qual se tem notícia desde pelo menos 1763, levava a população em direção ao Baldo (antigo “caminho de beber”). Além das três ruas mencionadas, há notícias de uma rua em formação entre 1725 e 1750, denominada Rua Nova, que acompanhava a fachada da igreja matriz, paralela à Rua Grande. A Rua da Conceição foi pouco habitada até o século XIX, e desfigurada pela construção da Praça Sete de Setembro (PIRES, 2007), aberta em 1914.

Os limites territoriais norte e sul eram cruzeiros, símbolos de sacralização do espaço urbano; enquanto a Rua da Conceição, seguida pela Rua Santo Antônio, conformavam o limite leste, e o largo da matriz (atual Praça André de Albuquerque), chegando ao Baldo pelas atuais Praça João Tibúrcio e Rua Padre Pinto, configuravam-se como limites na direção oeste. No texto do ouvidor Domingos Monteiro da Rocha, de 1756, o autor chama atenção para o fato que a cidade “terá de povoado quatrocentas braças e de largo cinquenta” (TEIXEIRA, 2009, p.181), isto é, 880m por 110m.

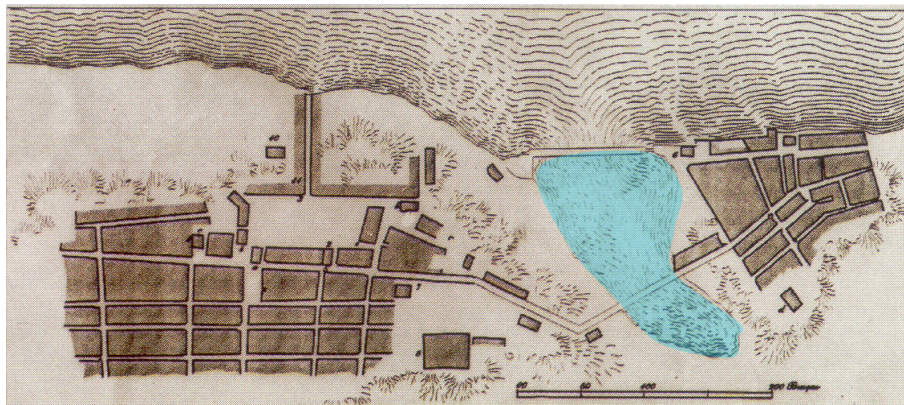
Em 1734 ou um pouco antes, o capitão-mor João de Barros Braga mandou construir uma ponte de mais de 60 braças para comunicação da cidade com a Ribeira, comprovando a existência de uma área embrionária de expansão para o norte, em direção à Fortaleza dos Reis Magos (TEIXEIRA, 2009, p. 186). No decorrer do século XVIII a cidade foi se expandindo lentamente nesta direção, às margens do Rio Potengi. Inicialmente, a região não alagada era constituída por fazendas e chácaras, mas depois da construção desta ponte referida, passou a abrigar também residências mais simples. Segundo o Senado da Câmara de Natal, a cidade tinha 118 casas em 1756 (NESI, 2013), além de alguns prédios públicos.

Apesar do título de “cidade”, o aspecto de uma pequena povoação ou aldeia permaneceu durante séculos, mesmo com o crescimento gradual da cidade. De acordo com o viajante inglês Henry Koster (1816/1942), que visitou a cidade em 1810, não havia calçamento em nenhuma das ruas, tomadas por areia solta. Na Ribeira, o rio dominava a paisagem, em contraste ao aspecto vilanesco do local. No relato podemos perceber que até as primeiras décadas do século XIX foram instaladas igrejas e edifícios públicos civis, porém a precariedade continuava evidente, ao ponto do viajante se admirar do fato de Natal ser chamada de “cidade”:

Cheguei ás onze horas da manhã á cidade do Natal, situada sobre a margem do Rio Grande ou Potengi. Um estrangeiro que, por acaso, venha a desembarcar nesse ponto, chegando nessa costa do Brasil, teria uma opinião desagradável do estado da população nesse país, porque, se lugares como esse são chamados de cidades, como seriam as vilas e aldeias? Esse julgamento não havia de ser fundamentado e certo porque muitas aldeias, no Brasil mesmo, ultrapassam esta cidade, o predicamento não lhe foi dado pelo que é, ou pelo que haja sido, mas na expectativa do que venha a ser para o futuro (...) consiste numa praça cercada de residências, tendo apenas o pavimento térreo, as Igrejas, que são três, o Palácio, a Câmara e a prisão. Três ruas desembocam nesta quadra, mas elas não possuem senão algumas casas de cada lado. A cidade não é calçada em parte alguma e anda-se sobre uma areia solta, o que obrigou alguns habitantes a fazerem calçadas e tijolos ante suas moradas. Esse lugar contará seiscentos ou setecentos habitantes (KOSTER, 1942, p. 89).

Esta forma urbana inicial de Natal se desenvolveu lentamente desde sua fundação. Essencialmente marcada por um traçado e uma arquitetura frágil, de filiação estilística colonial, caracterizou a cidade até meados do século XIX (Figura 1), quando os primeiros sinais de modernização apareceram, ligados às ideias sanitaristas, aos modelos urbanísticos e inovações tecnológicas que se desenvolviam na Europa, acelerando o processo de conformação e primeiras transformações na forma urbana do espaço que hoje conhecemos por Sítio Histórico de Natal, opostos à estrutura colonial presente.

Figura 1 - Primeiro mapa conhecido de Natal elaborado em 1868



Fonte: Cândido Mendes de Almeida (1868)

Foi na primeira metade do século XX que a transformação de Natal em uma cidade moderna aconteceu efetivamente, sendo objeto de vários instrumentos de controle e de expansão do solo urbano. De acordo com Teixeira (2009), na primeira metade do século XX a cidade foi objeto de pelo menos três planos urbanísticos importantes: o Plano da Cidade Nova (1901-1904), o Plano Geral de Sistematização de Natal (1929) e o Plano de Expansão de Natal (1935), que tinham como características principais (i) um forte desejo de modernização da capital; (ii) presença de arquitetos e engenheiros nacionais e estrangeiros em suas concepções; (iii) melhorias em termos de infraestrutura, perceptíveis nos sistemas

de transportes urbanos (viários, ferroviários, marítimos e aéreos), assim como nos sistemas de distribuição de água e esgotamento sanitário e nas novas tipologias (teatro, cinema, hotel); (iv) projetos como expressão de um forte crescimento urbano.

Com o objetivo de criar um ambiente com padrões higienistas e refinar o comportamento da sociedade natalense (FERREIRA; DANTAS, 2006), as características do passado, consideradas antigas e atrasadas, como por exemplo as ruas estreitas e tortuosas e os edifícios geminados com caimento das águas das coberturas sobre as vias públicas, foram paulatinamente sendo substituídas por edificações dos estilos em voga no momento, ligadas ao estilo neoclássico e ao ecletismo, enquanto as novas ruas e quarteirões da cidade em expansão passaram a apresentar formas mais ortogonais.

As fachadas com ornamentos clássicos inicialmente eram apenas dos edifícios públicos, mas na segunda metade do século XX passou a ser empregado também nas residências, sobretudo nas platibandas. As posturas municipais, que já existiam na cidade colonial e não só impunham formas, materiais, cores e elementos de composição dessas fachadas, mas também exigiam a manutenção das edificações e limpeza dos terrenos e ruas (TEIXEIRA, 2009), ficaram mais rígidas ao imporem normas e punições para construções, limpeza pública, estábulos, matadouros, enterros, exumações, cremações, entre outros programas e serviços (DANTAS, 2003).

No espaço público, destacavam-se as construções de praças, largos e avenidas com canteiros centrais, decisivos para espraizar o sentimento de se estar vivendo em uma cidade em transformação (DANTAS, 2003). Foram significativas as obras de construção do Porto, o aterro e a drenagem da Praça da República (Figura 2), hoje conhecida por Praça Augusto Severo (Ribeira), a abertura de estradas carroçáveis e de ferro, diminuindo o isolamento da cidade com o interior, o surgimento novos bairros (Cidade Nova, entre 1901 e 1904, e Alecrim, oficializado em 1911), a retificação de algumas ruas, como a Rua do Comércio (atual Rua Chile); a abertura de novas ruas (Rua Sachet, atual Duque de Caxias, Almino Afonso e a Tavares de Lyra); o aterro e nivelamento da Praça Leão XII e o aformoseamento da Cidade Alta, com o calçamento e arborização das principais ruas e a demolição de dezenas de edifícios que não atendiam as exigências de alinhamento e salubridade.

Praça da República em 1906



Fonte: Acervo do HCURB

No século XX, a Ribeira passou a se destacar em relação à Cidade Alta, tornando-se novo centro e abrigando diversas atividades, sobretudo as comerciais com os armazéns de exportação e as lojas de artigos refinados, com destaque também para atividades menos tradicionais como cabarés, cinemas e bares, o que tornou o bairro palco de acontecimentos marcantes na história da cidade e espaço de vivência cultural e política significativa (CASCUDO, 1947; SILVA, 2002).

O processo de transformação da Natal Colonial em uma Natal Moderna foi inicialmente lento, mas atingiu certa expressão entre 1900 e 1950. Ao final deste período, a cidade já se expandiu para além da poligonal de tombamento do Sítio Histórico de Natal delimitada pelo IPHAN, com o surgimento de novos bairros periféricos em relação ao centro antigo, porém as edificações desta região mais antiga continuaram em processo de transformação, seguindo as novas tendências formais e estilísticas, agora mais próximas ao Movimento Moderno.

A posição estratégica de Natal em relação ao continente americano contribuiu significativamente para a entrada da cidade na II Guerra Mundial. Foram implantados equipamentos militares que influenciaram o crescimento das áreas de expansão urbana e modificação morfológica e estilística sobretudo da região da Ribeira, que teve seu cotidiano modificado socialmente, culturalmente, politicamente e economicamente. Além da proximidade com a base de hidroaviões, existia o porto e cada vez mais surgiam bares, bordéis, cinemas, clubes, comércios varejistas e hotéis como o Grande Hotel, maior estabelecimento do gênero, inaugurado em 1939. As atividades comerciais se concentravam principalmente na Av. Tavares de Lyra e ruas do entorno. “O comércio local ampliava os estoques, reformava as instalações físicas e diversificavam as mercadorias oferecidas. Com o aumento da população, o consumo e a demanda se espalhavam pela cidade e para além da Ribeira” (OLIVEIRA, 2014, p. 92-93).

Assim, Natal entra em um segundo momento de modernização dos seus espaços, agora com linhas funcionais e racionais. Com o fim da guerra, que provocou a saída dos estrangeiros de Natal, e com a proibição das importações na Era Vargas, teve início um forte e longo processo de declínio da economia na cidade (SILVA, 2002). Além disso, as transformações formais que ocorreram no centro mais antigo – Cidade Alta e Ribeira – passam a ser mais avassaladoras e em alguns casos, irreversíveis, sobretudo como consequência das mudanças de uso, do esvaziamento e deterioração dos imóveis abandonados por quem passou a habitar a região da Cidade Nova em Natal, hoje bairros Tirol e Petrópolis.

Então, em meados do século XX, a forma urbana da cidade cresceu para muito além dos limites do atual Sítio Histórico de Natal, de modo que a área deste se torna uma parte mínima da superfície total da cidade, mas que ainda apresenta um resultado formal intrinsecamente relacionado à historicidade local pela permanência de linhas estilísticas historicistas da virada do século XIX para o XX, incluindo *Art Nouveau*, *Art Déco* e Neocolonial. A partir daí, inicia-se um processo de transformação da forma urbana local mais impactante, marcada por adições de exemplares formais modernos e contemporâneos e descaracterização dos elementos morfológicos preexistentes em virtude das necessidades mais contemporâneas da sociedade.

PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES DA FORMA URBANA A PARTIR DE MEADOS DO SÉCULO XX

Essas maiores transformações a partir de meados do século XX foram identificadas pela análise morfológica do Sítio Histórico de Natal, realizada por meio de passeios virtuais na plataforma *Google Street View* com imagens do mês de agosto de 2016, registrando as informações da forma urbana com o auxílio de um inventário simplificado de fachadas, já que por meio delas, temos a primeira percepção do edifício pela riqueza de elementos existentes, tais como volumetrias, alturas, recuos, dimensões, cores, ornamentos, texturas, entre outros. Além do mais, a fachada é a parte do edifício que mais contribui para a paisagem das vias públicas; ou seja, é um elemento fundamental da morfologia urbana em termos visuais.

O inventário é definido como “uma fase de observação minuciosa dos objetos, em que procuramos descrevê-los para deixar claras as propriedades que os distinguem e estabelecer critérios” (PANERAI, 2014, p. 132). Neste estudo, o referido instrumento contemplou os seguintes dados sobre as fachadas das edificações: data de construção aproximada e localização da edificação; uso atual; estados de conservação e de preservação; número de pavimentos; filiação estilística e fotografias das edificações – das quais foi possível extrair informações sobre as coberturas, volumetrias, superfícies, esquadrias, revestimentos, ornamentos, inserções de novos elementos, entre outros detalhes.

Foram 1613 fachadas inventariadas, que correspondem à totalidade de fachadas inseridas nas poligonais de tombamento e de entorno do Sítio Histórico de Natal, visíveis pelo *Google Street View*. Pela limitação da plataforma que não registrou todas as imagens locais por dificuldades de acessibilidade, algumas fachadas de edifícios localizados em becos não foram inventariadas. Neste caso, recorreremos aos mapas do IPHAN (2008) para complementação das informações faltantes. Os percursos pelo *Google Street View* foram feitos por ruas, partindo do traçado inicial da cidade e seguindo pelas expansões, sendo a Cidade Alta o primeiro bairro a ser inventariado, seguido pela Ribeira e Rocas.

Os resultados da análise morfológica serão apresentados a partir de agora com base nas categorias definidas pelos elementos morfológicos: vias, lotes, quarteirões, edifícios, espaços públicos e elementos naturais (Figura 3, que servirá como referência para todos os elementos morfológicos discutidos nesta seção).

As primeiras vias do Sítio Histórico de Natal herdaram as características de outras cidades brasileiras de colonização portuguesa como as ruas de aspecto uniforme formadas pelas posições das fachadas frontais das residências, com suas paredes laterais nos limites dos terrenos. Calçamentos e passeios eram raros (REIS FILHO, 2014).

A escolha de um platô elevado já mostra a interferência da topografia na escolha dos caminhos iniciais, que depois se ramificaram de acordo com o relevo e a disposição das fachadas. As primeiras ruas antecedem o século XVIII e estão localizadas no entorno do

núcleo inicial da cidade, a atual Praça André de Albuquerque. Na Natal Colonial as ruas se prolongavam até as cruces que definiam os limites urbanos.

Em geral, o traçado inicial de Natal permanece pouco alterado até hoje, embora agora se encontre asfaltado e com calçadas em algumas ruas. Recebeu alguns poucos cortes em quarteirões, que geraram novas ruas durante os séculos XIX e XX. Lamas (2014), apoiado em referências como Poète (1967), Lavedan (1959) e Tricart (1962), ressalta esse caráter de permanência do traçado, que embora não totalmente modificável, resiste às transformações urbanas. Os cortes no traçado foram decorrentes da necessidade de melhorar fluxos e dotar a cidade de mais salubridade e áreas livres, características das cidades modernas que se delineavam a partir do século XIX; enquanto o surgimento de novas ruas tinham como finalidade comportar o programa da Natal Moderna.

No início do século XIX, como vimos na seção anterior deste texto, já existia uma aglomeração na parte baixa da região – A Ribeira. Lá se concentravam as atividades comerciais em ruas também estreitas e irregulares. Nas quadras maiores também é possível se verificar ainda hoje a presença de algumas travessas muito estreitas (Argentina, Venezuela e México), além do Beco da Quarentena, um pouco mais largo.

Em fins de século XIX e início de século XX é que as vias mais largas e retificadas começam a aparecer na área compreendida como Sítio Histórico de Natal, quando aconteceu um aumento considerável na quantidade de ruas. Estas novas vias deram continuidade às preexistentes e se expandiram em torno delas, em direção aos novos bairros que surgiam ao redor; porém, nesta época, já apresentavam maior regularidade formal. Dentre estas expansões, no início do século XX surgiram novas ligações entre os bairros Cidade Alta e Ribeira – a atual Av. Câmara Cascudo e a Av. Rio Branco. Na porção oeste da Cidade Alta, a região mais elevada, podemos observar um traçado irregular que se adaptou à topografia local durante as expansões.

O traçado do Sítio Histórico de Natal, portanto, se preservou quase intacto a cada nova expansão, apenas dando continuidade às ruas preexistentes e se expandindo ao redor delas, conciliando tendências ortogonais modernas a uma malha preexistente mais irregular.

Quanto aos lotes, a Natal Colonial não fugiu à regra do parcelamento típico: lotes estreitos e profundos, sem recuos frontais e laterais. Estes lotes tinham frequentemente uma parte posterior para o plantio e para a criação de subsistência. A homogeneidade se apresenta mais evidente a partir das expansões do século XVIII, na direção sul de Cidade Alta e no núcleo inicial da Ribeira.

É fácil perceber as irregularidades e desalinhamentos parcelares, principalmente em torno da Praça André de Albuquerque, que podem ser atribuídas às adaptações topográficas e transformações espaciais por desmembramento ou destruição em função das novas necessidades da vida contemporânea. As irregularidades se referem principalmente aos lotes que ora são muito estreitos, ora muito largos. A maior regularidade é encontrada no extremo sul da malha colonial, que aparenta ser fruto de expansões posteriores do século XIX pela similaridade do agrupamento. Neste sentido, é muito provável que esta porção dos lotes tenha sofrido transformações por desmembramento.

Na malha da Ribeira do início do século XIX o parcelamento do solo foi mais intenso. Os lotes que margeiam o Rio Potengi têm fundos para o rio e os demais dividem meios de quadra e podem ser divididos em dois grupos, segundo critérios de homogeneidade e heterogeneidade: a maioria das parcelas são estreitas e compridas no sentido noroeste-sudeste, enquanto o outro grupo, entre a Rua Frei Miguelinho e a Avenida Duque de Caxias, há frente de lotes nas quatro direções das quadras com muita variação no tamanho das parcelas.

Atualmente, nesta porção do território que se formou nas primeiras décadas do século XIX, podemos perceber com frequência junções de parcelas (remembramento) para uso de um único empreendimento, que geralmente se instalaram na tipologia de galpão.

Nas décadas do final do século XIX e início do século XX os lotes que surgiram seguiram tendências ortogonais, porém sem padrões rígidos de regularidade. Há maior regularidade nas quadras que se aproximam da Avenida Rio Branco, com os lotes que ocupam de um lado ao outro oposto da quadra. Já imediatamente nas expansões a partir da porção da cidade colonial, entre as ruas Santo Antônio e Voluntários da Pátria, os lotes dividem o meio de quadra. Entre a Rua Padre João Manoel e a Avenida do Contorno, os lotes, quadras e ruas foram instalados de acordo com a topografia.

Quanto ao tamanho dos lotes, podemos perceber que são menores no trecho da Cidade Alta, provavelmente por ser a região mais antiga da cidade, e maiores no trecho da Ribeira, de época posterior, quando o parcelamento provavelmente já era maior, dada a ocupação inicial da Ribeira por sítios. De maneira geral, principalmente na porção da Cidade Alta, houve destruição de muitos lotes para instalação de grandes empreendimentos comerciais ou instituições.

Em relação às transformações a partir de meados do século XX, percebemos que as parcelas sofreram muitos desmembramentos e remembramentos com as mudanças de uso das edificações, reflexo das novas necessidades da vida contemporânea.

Tratando agora do agrupamento dos lotes, que formam os quarteirões, no território da Natal Colonial estes se formaram pelo agrupamento das edificações, assim como as ruas, com grande influência das condições topográficas e sem preocupação com ortogonalidade.. Assim, como resíduos do traçado viário, assumiram formas retangulares em dois sentidos (noroeste-sudeste e nordeste-sudoeste), quadradas e triangulares (principalmente nas extremidades da região, onde se localizavam as cruces). Alguns quarteirões são inteiramente tomados por praças (Praça André de Albuquerque e Praça Sete de Setembro).

No início do século XIX os quarteirões continuaram irregulares, como podemos observar na baixa da Ribeira, e assumiram formas compridas retangulares no sentido nordeste-sudeste e curtas retangulares no sentido noroeste-sudeste, entre a Rua Frei Miguelinho e a Av. Duque de Caxias. Já no final do século XIX e início do século XX, os quarteirões que se formaram seguiram tendências mais ortogonais, apesar de não tão rigidamente, e possuem formas retangulares no sentido nordeste-sudoeste, quadradas e trapezoidais. Na porção do território entre a Rua Padre João Manoel e a Avenida do Contorno, é clara a formação dos quarteirões em função da topografia existente. Nestas

expansões também surgiram quadras que foram destinadas aos espaços livres públicos como a Praça Padre João Maria, Praça João Tibúrcio e Praça Augusto Severo.

Quanto às transformações desse segundo momento de modernização da forma urbana, as dimensões dos quarteirões foram preservadas, mesmo em algumas situações em que deixaram de ser compostos apenas por edificações para dar lugar a espaços livres, como é o caso do pátio do Palácio Potengi, onde até 1914 era uma área composta por habitações no século XIX.

Em relação as edificações, estudadas com mais detalhes pelo inventário de fachadas, temos usos que ainda apontam para uma predominância residencial (47%), embora as residências se localizem nas regiões marginais da poligonal de entorno do sítio histórico e quase inexistam no núcleo inicial da Ribeira. Quanto aos outros usos, há um certo equilíbrio. Assim, se por um lado o acesso às diversas atividades favorece a vitalidade local, por outro lado, quando acontece incompatibilidade entre edificação de valor patrimonial e uso, este último muitas vezes ocasiona transformações mutiladoras como os rasgos nas fachadas para aberturas de garagens, colocação de esquadrias maiores que as originais e vedação das aberturas com tijolos. Além destes problemas mais graves apontados, a colocação de letreiros exagerados e a retirada de ornamentos também fazem parte da lista das incompatibilidades entre usos e edifícios históricos.

Podemos perceber que dentro da poligonal de tombamento, no trecho da Cidade Alta, predominam instituições e igrejas pela cristalização dos edifícios mais monumentais na região, compatíveis com estes usos, que favorecem a percepção da historicidade local. Da mesma maneira, no trecho da Ribeira, predominam comércios, serviços e edifícios desocupados que já foram estabelecimentos comerciais ou de serviço, usos característicos da região desde a sua gênese, que apesar de terem sofrido modificações em suas fachadas, como por exemplo a colocação de portas de rolo que não existiam na época do primeiro momento de modernização, ainda transmitem uma atmosfera de antigas atividades comerciais desenvolvidas na região.

Os comércios e serviços da Cidade Alta, que se concentram próximos à Av. Rio Branco, em região mais verticalizada, estão predominantemente voltados para lojas de roupas, acessórios, lanchonetes e salões de beleza, enquanto os da Ribeira dedicam-se às atividades pesqueiras, máquinas e automóveis. As instituições se encontram nas vias mais largas, as indústrias próximas e ao serviço do porto; enquanto as igrejas permanecem na cidade da outrora paisagem barroca natalense, dentro da poligonal de tombamento, com acréscimo de edifícios ligados ao culto evangélico espalhados na poligonal de entorno.

Um índice que em números também não representa a descaracterização do Sítio Histórico de Natal é o estado de conservação, pois mais de 80% das edificações estão em estado bom (35,9%) ou regular (44,9%). Porém, o conceito de conservação está diretamente ligado ao grau de integridade das edificações; ou seja, ao estado de manutenção das fachadas dos edifícios, e não ao grau de autenticidade, que é diretamente ligado à ideia de verdade, isto é, da fidelidade à edificação em sua forma original, representada pelo estado de preservação. Este sim apresenta um índice muito alto de edificações com algum tipo de modificação na área estudada. São 20,5% de fachadas pouco modificadas, 24,7% muito

modificadas e 40,9% descaracterizadas, que comprometem significativamente a percepção da historicidade dos edifícios pela ausência de atributos formais que qualificam e os agrupam em filiações estilísticas.

Especialmente, os vários estados de conservação – bom, regular, precário e ruína – se encontram em todo o Sítio Histórico de Natal, embora as regiões mais comerciais e de serviço concentrem mais edificações precárias e arruinadas. Em relação aos estados de preservação – preservado, pouco modificado, muito modificado e descaracterizado – as edificações mais preservadas e pouco modificadas são as instituições e as igrejas, localizadas ao longo da poligonal de tombamento, e as muito modificadas e descaracterizadas estão espalhadas por todo o sítio histórico e representam o resultado de adaptações de residências, pontos comerciais e serviços à vida contemporânea como rasgos nas superfícies para abertura de garagens, vedação das aberturas, subidas de muro, colocação de letreiros, entre outras.

Como é de se esperar, em porções históricas das cidades, as edificações não apresentam muitos pavimentos. Assim acontece com o Sítio Histórico de Natal, onde 63,2% dos edifícios são térreos e 28,7% possuem apenas primeiro andar, dado que ainda mostra compatibilidade com as historicidades locais em termos de gabarito, preservando, de certo modo, as silhuetas preexistentes. As edificações com 3, 4, 5 ou mais pavimentos são minoria e estão normalmente nas vias mais largas como a Av. Rio Branco, Av. Duque de Caxias e Esplanada Silva Jardim, associadas predominantemente aos usos comercial e institucional.

Quanto às filiações estilísticas, se somarmos os edifícios descaracterizados (42,8%) aos contemporâneos (13,6%), teremos 56,4% de imóveis que perderam valor patrimonial, o que confirma um alto índice de descaracterização, visto que a área estudada em meados do século XX já tinha seu tecido urbano consolidado e os estilos presentes naquela época eram resquícios da arquitetura colonial, neoclássica e eclética, latente em suas várias facetas, incluindo do neogótico e romântico ao período de transição, com algumas edificações neocoloniais, muitas protomodernas e pouquíssimas edificações já modernistas; ou seja, sedimentações do período da primeira modernização.

Como esperado, na malha urbana mais antiga encontramos edificações coloniais, neoclássicas e ecléticas, e a partir das expansões do século XX o protomodernismo e modernismo começaram a aparecer, principalmente na baixa da Ribeira, por influência da vida cotidiana durante a II Guerra Mundial. A arquitetura contemporânea e descaracterizada está pulverizada por todo o sítio histórico devido as mudanças de uso das edificações ao longo dos últimos anos.

Como resultado, o conjunto de todas as fachadas da área estudada, sendo a sua maioria descaracterizada, transmite uma imagem de não preservação do casario, já que são raros os conjuntos que apresentam unidade em termos de preservação. Apesar dos índices bons ou regulares dos estados de conservação, as transformações são muitas vezes mutiladoras e acontecem de maneira independente das filiações estilísticas. As mudanças atingiram todos os estilos, inclusive o contemporâneo, que por sua vez já representa porções transformadoras de arquiteturas mais antigas.

Vale ressaltar que existem transformações em níveis variados, sendo o acréscimo de volumes, as mudanças nas coberturas, os rasgos e vedações das superfícies as transformações mais graves, que certamente alteram muito a dimensão material da historicidade local. As mudanças ou retiradas das esquadrias, inserção de novos revestimentos e padrões de pintura, letreiros, toldos, entre outros elementos, dependendo do caso, podem representar uma transformação drástica ou uma transformação menos grave, pois de imediato mascaram historicidades, e por outro lado, são em muitos casos reversíveis.

Também é preciso observar que os muros mais altos e as grades colocadas nas edificações históricas estão muito ligados à insegurança que aumentou gradativamente ao longo dos anos, enquanto os letreiros estão muito ligados aos reusos dos edifícios, ora benéficos, outrora muito maléficis às arquiteturas, quando não há uma compatibilidade entre espaço e uso.

Tratando agora dos espaços públicos, na área estudada estes espaços correspondem principalmente às praças, que foram construídas em épocas diferentes, e os passeios públicos da época da primeira modernização da cidade – Largo Junqueira Aires e Rua Coronel Lins Caldas, característicos por suas balaustradas; e o passeio da Avenida do Contorno, de guarda-corpo contemporâneo, com vistas para o Rio Potengi.

As praças são onze: André de Albuquerque (espaço público da cidade colonial), Augusto Severo (construída na época da primeira fase de modernização de Natal), Padre João Maria, Sete de Setembro, Santa Cruz da Bica, Praça das Mães e Praça Dom Vital (construídas no mesmo momento ou poucos anos depois da Augusto Severo e também inseridas na poligonal de tombamento do Sítio Histórico de Natal), Capitão José da Penha, João Tibúrcio, Praça do Estudante e uma praça na Rua da Misericórdia (inseridas na poligonal de entorno do Sítio Histórico de Natal).

De maneira geral, estes espaços públicos sofreram sucessivas transformações ao longo dos anos e hoje apresentam muitas deficiências nos quesitos caminhabilidade e sombreamento, sobretudo pela dificuldade de mobilidade dos pedestres ocasionada pela falta de manutenção destes espaços e obstáculos encontrados nos percursos, tais como calçadas quebradas, entulhos e lixo; e pela pouca arborização encontrada, visto que as reformas modernas e contemporâneas das praças não privilegiaram este aspecto.

Em relação aos elementos naturais do Sítio Histórico de Natal, nas poligonais que delimitam a área estudada não há muitos elementos além das poucas árvores encontradas nos espaços públicos e canteiros das avenidas mais largas, apesar da área margear o Rio Potengi e uma área de mangue. É necessário destacar que o mangue e o Rio Potengi não foram inseridos na área tombada, nem no entorno, e têm pouca visibilidade a partir do sítio histórico, embora tenham sido essenciais para a sua conformação urbana.

A visibilidade do rio a partir do Sítio Histórico de Natal só acontece a partir do Cais da Av. Tavares de Lira, da Av. do Contorno, próximo à Pedra do Rosário, que funciona efetivamente como mirante, e dos fundos dos edifícios situados na margem oeste da Rua Chile.

A interação direta com o rio é ainda menor, restringindo-se aos que de alguma maneira estão ligados às atividades pesqueiras e às comunidades do Passo da Pátria e Maruim, que não foram inseridas nas poligonais do Sítio Histórico de Natal, apesar de fornecerem muitas materialidades e imaterialidades que poderiam reforçar ambiências históricas locais.

Quanto às árvores, marcam bem a paisagem das praças e ajudam a legitimar estes espaços como lugares de encontro e convivência, embora se apresentem em quantidade menor do que o esperado para que pudessem contribuir para o microclima local. Estão também presentes em algumas ruas e avenidas como a Av. Câmara Cascudo (Largo Junqueira Aires), Rua da Misericórdia e trechos das avenidas Duque de Caxias, Tavares de Lira e Esplanada Silva Jardim. São estes raros espaços arborizados que promovem o sombreamento para os caminhantes da região, que normalmente sofrem com a incidência solar excessiva nas demais áreas do sítio histórico.

Em relação à historicidade, alguns exemplares vegetais remanescentes são antigos, porém poucos, e estão misturados às espécies vegetais plantadas mais recentemente na região. Neste sentido, a retirada de muitas espécies promove a transformação da forma urbana em direção contrária à manutenção de uma ambiência histórica.

Fazendo um breve balanço da forma urbana remanescente do Sítio Histórico de Natal, aquilo que mais se preservou – o traçado – não é tão perceptível para quem caminha pela área, enquanto aquilo que mais se percebe – as fachadas – por terem sofrido muitas transformações ao longo dos anos, é o que nos deixa uma imagem de descaso com o patrimônio cultural. Os lotes e os quarteirões sofreram modificações para se adequar às necessidades da sociedade em transformação ao longo dos anos, mas também são elementos da forma urbana em que as transformações formais não se evidenciam tão facilmente, com exceção de fotografias antigas que denunciam o desmonte de quarteirões inteiros para aberturas de ruas e espaços livres públicos salubres no período da primeira modernização da cidade. Além do mais, lotes, quarteirões e especialmente traçado viário são elementos morfológicos que tendem a permanecer de maneira menos modificada no tecido urbano, diferentemente das edificações, muito mais passíveis de serem reformadas, demolidas e substituídas por outras. Assim, o alto índice de descaracterização das fachadas dos edifícios nos faz perceber que a realidade atual do lugar, que também é produto histórico, se faz mais evidente, pelo menos em termos quantitativos, do que os tempos históricos mais antigos.

As praças localizadas no sítio histórico, além de terem sofrido muitas transformações ao longo dos anos, sofrem consequências de vandalismo e precisam de manutenções mais constantes. De forma geral, os elementos dos espaços públicos que mais se preservaram foram os monumentos históricos, em sua maioria bustos ou esculturas. Já os demais elementos, sobretudo canteiros e mobiliário urbano, sofreram remodelações que não se preocuparam com as preexistências. Os elementos naturais, por sua vez, são pouco evidenciados e em número reduzido. As árvores se encontram em maior número nos espaços públicos, pois os canteiros arborizados são poucos (apenas nas avenidas mais largas) e possuem poucas árvores. Quanto ao Rio Potengi, só é visível em áreas restritas e pouco acessível pelo sítio histórico.

Assim, esta situação mostra uma drástico desmonte de tempos históricos importantes da arquitetura e da sociedade natalense, que até meados do século XX era possível observar de maneira impregnada nas formas urbanas como um todo. Consequentemente, hoje presenciamos essa interferência na historicidade local e a privação da população a um legado cultural importante na contemporaneidade.

Figura 3 - Mapa Geral do Sítio Histórico de Natal



Fonte: Autora (2018).

PERCURSOS SENSÍVEIS E HISTORICIDADES PERCEBIDAS

Os percursos sensíveis foram a última etapa de pesquisa de campo da tese e ajudaram a esclarecer dúvidas sobre a percepção das pessoas acerca da historicidade presente ou ausente nos elementos da forma urbana do Sítio Histórico de Natal. As informações coletadas por este método foram registradas em um mapa de percursos e no diário de campo da pesquisadora, no qual foram captadas as manifestações dos caminhantes (participantes da pesquisa) ao interagirem com as formas urbanas e demais usuários do local, assim como as impressões e observações da pesquisadora sobre os diversos aspectos abordados nos passeios. As anotações foram registradas no momento dos percursos e depois transcritas no computador. Este tipo de abordagem é capaz de captar impressões, sensações e afetos dos caminhantes, que podem ser expressadas no momento da fusão deles com as ambiências e criar a realidade espacial que os circundam (DUARTE, 2015).

Foram 35 pessoas que participaram dos percursos, selecionadas inicialmente por conhecimento prévio da pesquisadora e posteriormente por indicações de participantes anteriores, distribuídas em 6 passeios entre os meses de setembro de 2017 e janeiro de 2018. Não houve um percurso fixo, embora o foco tenha sido a área correspondente à poligonal de tombamento do Sítio Histórico de Natal e os lugares cotidianos dos caminhantes.

A maneira de apreensão da forma urbana da área estudada, nestas circunstâncias, está na escala da rua, de acordo com a classificação de Lamas (2014), na qual enquanto caminhamos, conseguimos abarcar a unidade espacial em conjunto. Portanto, nos aproximamos da metodologia de visão serial de Gordon Cullen (2013), porém, sem aplicação de desenhos e focando nos comportamentos e palavras dos caminhantes acerca das sensibilidades.

As sensibilidades descritas e percebidas nos percursos foram de variados aspectos, porém de muitos pontos em comum entre os caminhantes. A seguir, apresentamos os dados registrados em diário de campo, categorizados pelos sentidos humanos – visão, olfato, paladar, audição e tato – e pelos sentimentos expressados durante os passeios.

Os olhos que reconhecem a presença de muitos resquícios históricos impregnados nas formas urbanas também viram muito lixo acumulado nas ruas que faltam lixeiras, situação bem comum na área, com destaque para os becos e travessas da Ribeira, onde em muitos casos, para se atravessar, é preciso pisar no lixo (Figura 4). Viram também esgotos a céu aberto, acúmulo de entulhos, fezes de animais e animais comuns de serem encontrados nestes casos, como ratos, baratas e até cobras.

Figura 4 - Lixo e entulhos na Travessa Venezuela



Fonte: *Google Street View*, 2016.

A poluição visual gerada pelos letreiros, que segundo Cullen (2013) é uma contribuição importante do século XX para a paisagem urbana, ao mesmo tempo em que

mascara platibandas de edifícios antigos, disputa a atenção com os buracos das calçadas, pequenas, muitas vezes desniveladas e frequentemente quebradas pelo estacionamento irregular de veículos. Em muitos desses casos os automóveis estão estacionados sobre as calçadas das ruas estreitas, causando a desagradável sensação de disputa por espaço de circulação e convivência. Sobre este aspecto, Cullen (2013, p. 131) destaca que “as dificuldades da condução sobre a calçada fazem dela uma superfície óbvia para estacionamento, óbvia, não para o urbanista, mas sim para o condutor do veículo, que não é tentado a usá-la”, o que justifica usos diferenciados das calçadas do sítio histórico entre quem passeia pela área e quem usa o carro apenas para chegar próximo a um determinado comércio, serviço ou instituição e não se importa com a acessibilidade das outras pessoas.

Os comentários sobre as vias durante os percursos se restringiram à não existência da Av. do Contorno antigamente, quando a integração com a Pedra do Rosário a partir do alto da Cidade Alta era maior, o calçamento mais antigo de algumas vias (Rua Quintino Bocaiúva, em frente à Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos e Travessa Pax), assim como os trilhos de trem desativados que passam pela Rua Chile, na Ribeira, e cruzam a Rua das Donzelas, nas Rocas.

Os caminhantes também não conseguiram compreender as delimitações espaciais – divisão do sistema da cidade linear em porções coerentes e visualmente compreensíveis (CULLEN, 2013, p. 108) – entre Sítio Histórico de Natal (poligonal de tombamento) e entorno (poligonal de entorno) e entre a Ribeira e as Rocas, por não enxergarem, em ambos os casos, as diferenças morfológicas ou estilísticas entre um lado e outro das vias. Apenas entre a Cidade Alta e a Ribeira que a divisão foi mais percebida devido a ladeira muito visível da Av. Câmara Cascudo, que separa porções alta e baixa do sítio histórico.

Nos edifícios, elementos da forma urbana que se sobressaem em relação aos demais pela riqueza de detalhes que as fachadas apresentam, os aspectos mais observados foram as portas fechadas para visitação de algumas instituições públicas, associando este fato à falta de uma maior política de preservação, a grande quantidade de imóveis desocupados, que muitas vezes assustam pelas vedações das aberturas com tijolos ou avançados níveis de degradação (Figura 5), as preservações e descaracterizações das fachadas.

Figura 5 - Edifícios degradados na Rua Chile



Fonte: *Google Street View*, 2016.

Os edifícios preservados e em bom estado de conservação geraram a percepção de imponência nos caminhantes. Entre eles, destacaram-se a Igreja do Galo (Santo Antônio), a Igreja de N. S. da Apresentação, o prédio do Instituto Histórico e Geográfico do RN, a Pinacoteca (Palácio Potengi), a Casa do Estudante, o edifício do DNOCS (Antiga Estação Ferroviária da Esplanada Silva Jardim) e o conjunto de edifícios ecléticos da descida da Av. Câmara Cascudo (Figura 6), que independente do estado de conservação, foram identificados como arquiteturas monumentais e de muito valor patrimonial.

Figura 6 - Conjunto de edifícios da Av. Câmara Cascudo



Fonte: *Google Street View*, 2016

Os galpões da Rua Chile que margeiam o Rio Potengi foram apontados como feios e degradados. Sensações semelhantes os caminhantes tiveram ao ver o Cais da Av. Tavares de Lira, percebido como feio, desorganizado e fedido. Ao chegarmos no largo da Rua Chile, o edifício contemporâneo onde funciona o terminal marítimo de passageiros, ligado ao porto, chamou atenção pelo contraste com o entorno em termos estilísticos, de escala, texturas, entre outros.

A arquitetura preservada e em menor escala não despertou muita atenção nos passeios, com exceção de alguns exemplares da Rua Santo Antônio, no entorno da igreja, e algumas casas no entorno da Praça João Tibúrcio. Já o contraste entre os edifícios das instituições em grande escala e as casinhas das ruas estreitas foi percebido, assim como os traços ecléticos ou modernistas, que muitas vezes figuraram a ambiência histórica do lugar.

As ruínas foram mais vistas como belas e com ares de mistério – vislumbre do desconhecido onde tudo é possível (CULLEN, 2013) – do que geraram lamentações; mas mesmo quem sente pena de ver edifícios tão degradados, demonstram desejos de restaurá-los. Entre as ruínas mais comentadas estão A Samaritana (Figura 7), na Rua Dr. Barata, o Antigo Hotel Majestic, na descida da Av. Câmara Cascudo e o Antigo Edifício Arpege (ou Galhardo), na Rua Chile.

Foram frequentes as comparações entre os edifícios da Cidade Alta e da Ribeira, com impressões de que a Ribeira acumula tempos distintos da história em suas fachadas, enquanto a Cidade Alta possui um casario mais uniforme em termos estilísticos. Os edifícios monumentais da Ribeira, maioria localizada na Av. Duque de Caxias, foram percebidos como

mais imponentes do que os da Cidade Alta e apresentando maior contraste entre os edifícios vizinhos, em geral, muito malconservados.

Figura 7 - Ruína A Samaritana



Fonte: *Google Street View*, 2016.

A região predominantemente residencial das Rocas, em torno do antigo parque ferroviário, foi associada visualmente a uma “cidadezinha de interior” pela tipologia edilícia de casas pequenas “de porta e janela” e pela presença de uma pracinha mais bem cuidada que as demais que se encontram na região.

Nas praças, de maneira geral, chamaram atenção os mobiliários urbanos quebrados e deteriorados e os moradores de rua. De maneira particular, a Praça João Maria desperta olhares para os camelôs despadronizados e vazios e as oferendas deixadas aos pés do local onde se encontra o busto do padre. Um caminhante chegou a comentar: “a praça não representa a história, não aparenta ser um lugar histórico”, o que demonstra que mesmo um lugar de visíveis tradições imateriais mantidas, não consegue despertar percepções de historicidades em algumas pessoas. A Praça João Tibúrcio, por sua vez, desperta olhares para a parada de ônibus que predomina no espaço, a Praça Augusto Severo por se encontrar vazia e sem atrativos, mesmo com a presença de um entorno de arquitetura monumental, e a Praça Sete de Setembro chama atenção por ser a mais bem conservada, com canteiros bem cuidados, e por possuir uma variedade de estilos arquitetônicos no entorno composto por edifícios institucionais.

As transformações espaciais mais visíveis pelos caminhantes estão nas praças André de Albuquerque e Augusto Severo pela presença de linhas contemporâneas em seus desenhos e mobiliário; são nelas que os moradores de rua são mais percebidos. A Praça das Mães passou despercebida pela maioria das pessoas, a não ser pelas pichações percebidas por quem trabalha próximo e por ali passa todos os dias.

A ausência de muros e o tapume improvisado que se encontra no Conjunto São Pedro (Esplanada Silva Jardim e Rua João Câmara), onde moram as pessoas que foram relocadas da comunidade do Maruim, chama atenção pela presença de varais de roupas.

Quanto ao fluxo de pessoas, os caminhantes perceberam que a maior movimentação acontece na Cidade Alta, na Av. Rio Branco e proximidades, dado que o local ainda é considerado por muitos como o “centro” da cidade, apesar do comércio ter diminuído em comparação com as décadas de 1970 e 1980. No restante das áreas do Sítio Histórico de Natal, muito foi comentado sobre o contrário: o esvaziamento da população. As ruas se apresentam desertas aos olhos de quem caminha por elas.

O fluxo de pedestres na Ribeira foi identificado como predominantemente masculino, associado ao comércio de peças, máquinas e serviços para automóveis. Estes usos, por sua vez, foram percebidos como contraste em relação aos antiquários e viveiro de plantas localizados na Rua Dr. Barata. A presença de homens bebendo na calçada da Av. Tavares de Lira também foi percebida, em um momento de constrangimento das mulheres que passavam no momento.

Algumas sensibilidades se voltaram para a relação entre urbanidades e lugares inóspitos. Nas ruas do entorno do Conjunto São Pedro, as crianças jogando bola, a criação de galinhas, a plantação de hortas, entre outros comportamentos da vizinhança, demonstram a apropriação do espaço em direção à urbanidade, no sentido de “fazer exatamente o que lhe convém e quando lhe convém” (CULLEN, 2013, p. 23); enquanto as grades e cercas de arame farpado que impedem o acesso físico e visual ao Rio Potengi, os muros que circundam o antigo parque ferroviário das Rocas (Figura 8), entre outras paredes cegas encontradas em todo o sítio histórico, a insegurança sentida nos espaços desertos de pessoas e próximos aos pontos de consumo de drogas, entre outros aspectos que desintegram pessoas e lugares, muitas vezes se tornam ambientes sociofugidios.

Figura 8 - Muro em torno da antiga estação ferroviária da Esplanada Silva Jardim



Fonte: *Google Street View*, 2016.

O Sítio Histórico de Natal tem cheiro de lixo, fezes de animais, urina humana e animais mortos em uma grande quantidade de ruas, cheiro de peixe na Rua Chile e no Cais da Av. Tavares de Lira, e de fumaça gerada por caminhões de carga pesada que se acumulam na Esplanada Silva Jardim, na Av. Eng. Hildebrando doe Gois e na Av. Duque de Caxias. Tem

sabores de frutas de época, vendidas em calçadas da Cidade Alta, do peixe comercializado na Ribeira e nas Rocas, de cervejas e cachaças vendidas nos bares da Ribeira.

Ao caminharmos pela área percebemos a poluição sonora causada pelos autofalantes das lojas que ainda resistem na Cidade Alta e pelos caminhões de carga pesada que circulam nos arredores do porto.

O sentido tátil aparece mais nos diferentes tipos de pavimento (asfalto, paralelepípedos antigos e recentes), que formam expressividades diferentes (CULLEN, 2013), e entulhos de diferentes materiais que pisamos nas vias da região: trilhos, vidros, tijolos e outros restos de construções, restos de comida, roupas e objetos pessoais descartados, pedaços de calçada, água com sabão da lavagem de calçadas de lojas e oficinas, entre outros. A vontade de tocar nos edifícios não apareceu. Em contrapartida, o sol tocou nossa pele e castigou a todo instante durante os percursos, dificultando a caminhabilidade pela região. A única experiência de alívio neste sentido se verificou na passagem pelo Largo Junqueira Aires, muito sombreado. Cullen (2013) ressalta que as sombras são umas das causas mais frequentes de apropriação e ocupação dos espaços, o que justifica a presença de muitos moradores de rua ocupando o Largo Junqueira Aires, por ser um espaço de exceção em meio a tanto sol e calor.

As historicidades percebidas durante os percursos se revelaram mais nas fachadas dos edifícios do que nos demais elementos da forma urbana. Estavam impregnadas nos edifícios de valor patrimonial preservados, tanto no casario imponente quanto nas casas de menor escala, incluindo estilos variados do colonial ao modernista. Algumas ruas se tornaram mais especiais do que outras, especialmente o percurso barroco da Cidade Alta, o Largo Junqueira Aires, a Av. Câmara Cascudo, a Rua Chile, a Rua Dr. Barata e o conjunto inteiro do Antigo Parque Ferroviário das Rocas, que independente dos estados de conservação dos edifícios, a historicidade neles se faz presente pelos ornamentos das fachadas. Foram nestes locais que os caminhantes mais se sentiram envolvidos em uma ambiência histórica.

As ruínas, mais do que quaisquer outros tipos de edifícios, geraram uma atmosfera antiga e misteriosa, pelo fato dos caminhantes reconhecerem os valores de antiguidade das arquiteturas, mas nem sempre conseguirem estabelecer vinculações das edificações com os fatos históricos da cidade.

As praças, em comparação aos edifícios, possuem historicidades pouco sentidas pelos caminhantes. Nos passeios, a Praça Pe. João Maria não aparentou ser histórica, a Praça João Tibúrcio não revelou nada antigo e as praças André de Albuquerque e Augusto Severo chamaram mais atenção pelos usos e elementos formais contemporâneos do que pelas características espaciais históricas remanescentes.

Os lugares da vida cotidiana do passado dos caminhantes são carregados de historicidade; pois ao passarem por eles, memórias e sensibilidades vieram à tona imediatamente. São historicidades inegáveis, porém de fortes aspectos subjetivos e individuais.

Os diferentes passeios pelo Sítio Histórico de Natal, portanto, apresentaram congruências com as observações de Panerai (2014), quando o autor observa que percursos não são forçosamente contínuos e interligados uns aos outros. Os sentidos humanos revelaram as heterogeneidades locais, que ora caminham em direção a uma leitura histórica do ambiente, mas muitas vezes são interrompidas por transformações morfológicas avassaladoras ou problemas decorrentes do processo contínuo de urbanização.

Os percursos sensíveis revelaram sensibilidades variadas, com maior destaque para aquilo que se vê na forma urbana, em detrimento dos demais sentidos humanos. Apesar do esvaziamento de pessoas e um grande número de imóveis desocupados, os sentidos comprovam que existe uma dinâmica própria do lugar, que embora desagrade em muitos aspectos, mantém o ambiente vivo e uma ambiência particular.

Em síntese, os passeios pelo Sítio Histórico de Natal revelaram sim historicidades presentes e valorizadas, embora para muitos, desconexas com os fatos históricos de Natal, que nos fazem refletir sobre a necessidade de investimento em educação patrimonial. Foi unânime a percepção de que o local necessita de intervenções que protejam os bens culturais e investimentos na gestão patrimonial, que tragam mais urbanidade para a área e efetivamente nos façam sentir envolvidos em ambiências de tempos passados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se por um lado os resultados da análise morfológica ressaltam a descaracterização da forma urbana do Sítio Histórico de Natal, por outro, os resultados dos percursos sensíveis revelam ainda muitas historicidades percebidas. Na realidade, a compreensão da historicidade local se mostrou equilibrada entre aspectos positivos e negativos. Os caminhantes consideram a interferência das transformações na forma urbana identificadas pela análise morfológica na historicidade do lugar pela descaracterização dos edifícios e praças, pela degradação física decorrente de comportamentos de vandalismo encontrada em todos os tipos de elementos morfológicos da área e pela dificuldade de relacionar os elementos da forma urbana e as práticas sociais locais aos fatos históricos da cidade. Em contrapartida, a historicidade é reconhecida nos ornamentos ecléticos dos edifícios, nas marquises modernistas, nos bustos e esculturas das praças, nas ruínas e na memória de quem viveu suas histórias particulares no Sítio Histórico de Natal; ou seja, é mais associada às materialidades do que às imaterialidades do patrimônio cultural da cidade.

Verificamos ainda que a historicidade está muito presente na ambiência local, apesar de reconhecidas transformações espaciais, porém sempre combinada às sensibilidades desagradáveis como sujeiras, entulhos, falta de acessibilidade, presença de bêbados e drogados nas ruas, passeios e calçadas, pessoas em situação de vulnerabilidade social e percepção de declínio econômico e cultural da região dada a desocupação de muitos imóveis e o pequeno fluxo de pessoas.

É necessário também fazer uma ressalva em relação à percepção das historicidades do conjunto edilício do Sítio Histórico de Natal. Na primeira fase de modernização, os novos edifícios – neoclássicos e ecléticos – eram construídos com pretensões “superar” o legado arquitetural do passado, de estilo colonial. Em uma segunda fase, de transformações mais intensas na forma urbana, que se distanciam de estilos historicistas da arquitetura, os edifícios modernos e contemporâneos chegavam com uma nova postura estética e construtiva, também de oposição com a arquitetura tradicional implantada até o momento. Hoje, do colonial ao moderno, reconhecemos todos os estilos como carregados de valores históricos e culturais; o que se configura como um processo de “transformação de historicidades” constante que vivemos ao longo dos anos.

Uma das principais contribuições deste estudo foi combinar a análise morfológica aos percursos sensíveis, no sentido de que os participantes da pesquisa olhassem a forma urbana local com mais atenção e refletissem sobre o futuro que eles desejam para o patrimônio cultural natalense. Este tipo de informação obtida é essencial no momento em que se propõem políticas de preservação cultural, para que se garantam ações eficazes em relação à urbanidade local. Esse olhar mais apurado para as arquiteturas revelou gosto por ruínas e antiguidades, descobertas arquitetônicas daqueles que nunca tinham visto algumas fachadas antes ou há muito tempo não viam, as suas vontades de restaurarem edificações pequenas e grandes e tomarem para si, a necessidade de obras de infraestrutura urbana que garantam acessibilidade física e de informação aos moradores e visitantes e o desejo de ver o Sítio Histórico de Natal com usos diversificados para que seja habitado por pessoas de todas as idades e variados perfis.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. IPHAN. *Centro Histórico de Natal, Processo de Tombamento nº 1.558-T-08, v.1, 2 e 3*. Natal: IPHAN, 2008.
- CASCUDO, L. C. *História da Cidade do Natal*. Natal: Prefeitura da Cidade do Natal, 1947.
- CULLEN, G. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2013.
- DANTAS, G. A. *Linhas convulsas e tortuosas retificações: transformações urbanas em Natal nos anos 1920*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.
- DUARTE, C. R. A Empatia Espacial e sua implicação nas ambiências urbanas. In: *Projetar*, 7, 2015, Natal. *Anais...* Natal: 7º *Projetar*, 2015, 12 p.
- FERREIRA, A. L.; DANTAS, G. A. F. *Surge et Ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*. Natal: EDUFRN, 2006.

- KOSTER, H. *Viagens ao nordeste do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. (Primeira edição inglesa em 1816).
- LAMAS, J. M. R. G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2014.
- NESI, J. F. L. *Natal Monumental*. Natal: IPHAN-RN, 2013.
- OLIVEIRA, G. P. *Natal em Guerra: as transformações da cidade na segunda guerra mundial*. Natal: EDUFRN, 2014.
- PANERAI, P. *Análise Urbana*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.
- REIS FILHO, N. G. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SILVA, H. A. *Revitalização urbana de centros históricos: uma revisão de contextos e propostas: a Ribeira como estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.
- TEIXEIRA, R. B. *Da Cidade de Deus à Cidade dos Homens: a secularização do uso, da forma e da função urbana*. Natal: EDUFRN, 2009.